

# Hate Mail

Entre  
o amor  
e o ódio



TOP  
SEL  
LER

DONNA MARCHETTI



## Playlist

- invisible string* — Taylor Swift ▷
- Now I'm In It* — HAIM ▷
- Mess It Up* — Gracie Adams ▷
- Late Night Talking* — Harry Styles ▷
- Ghost of You* — Mimi Webb ▷
- Feel Again* — OneRepublic ▷
- Nonsense* — Sabrina Carpenter ▷
- Get him back!* — Olivia Rodrigo ▷
- Someone To You* — BANNERS ▷
- I Wish I Would* — Taylor Swift ▷
- Motivation* — Normani ▷
- People Watching* — Conan Gray ▷
- Die For You* — The Weekend, Ariana Grande ▷
- Stuck In The Middle* — Tai Verdes ▷
- goodnight n go* — Ariana Grande ▷
- Kiss Me* — Sixpence None The Richer ▷
- Death By a Thousand Cuts* — Taylor Swift ▷
- Complicated* — Olivia O'Brien ▷
- Heaven* — Niall Horan ▷
- Back To You* — Selena Gomez ▷
- Paper Rings* — Taylor Swift ▷
- What if* — Colbie Caillat ▷
- This Love* — Taylor Swift ▷

# Capítulo 1

---

## AS MIÚDAS GIRAS RECEBEM AMEAÇAS DE MORTE

Naomi

— **A**cho que bateste um novo recorde. Só estás há duas semanas no ar e já recibes correspondência dos fãs.

A Anne tem o hábito de aparecer sorrateiramente atrás das pessoas, o que me faz virar a cadeira, sobressaltada, quando ouço a sua voz atrás de mim. Acho que são os sapatos. São demasiado silenciosos, mesmo sobre mosaicos. Ela sorri, agitando a carta que traz na mão.

— Não sabia que as meteorologistas recebiam cartas dos fãs. Será que devo preocupar-me?

— As giras recebem — diz a Anne, piscando o olho. — Mas, como eu disse, duas semanas é um novo recorde. Esperemos que o teu novo fã não seja um *stalker*.

Tiro-lhe a carta da mão e viro o envelope branco simples. O meu nome e a morada da estação de televisão estão escritos à mão. A Anne observa-me sem se preocupar com disfarçar a expectativa. Passo o dedo sob a aba e abro o envelope, rasgando-o ao meio.

— Usa um abre-cartas — diz a Anne. Parece irritada.

— Quem é que precisa de um abre-cartas? Os meus dedos servem perfeitamente.

— Vais cortar-te no papel — diz.

Não me importo. Encolho os ombros.

— Sempre abri cartas assim.

Tiro uma folha de caderno dobrada do interior do envelope rasgado. A carta vem escrita à mão. Breve, simples, direta:

*Querida Naomi,*

*Espero que sejas atingida por um raio e morras a meio do teu próximo boletim meteorológico. Não seria irónico?*

L

Não consigo evitar uma gargalhada. Tento conter-me, mas, agora que já saiu, não consigo parar de me sacudir de tanto rir. A Anne franze o sobrolho e arranca-me a carta da mão para ver qual é a graça. Através das lágrimas, vejo os seus olhos a arregalarem-se e o rosto a corar.

— Meu Deus — diz. — Desculpa. Não sabia o que era. Não sabia... estás bem? Porque é que te estás a rir?

Respiro fundo para me acalmar e pego no envelope rasgado. Fico desapontada ao ver que não tem o endereço do remetente.

— De onde veio isto?

A Anne abana a cabeça. Vê-se que ficou confusa com a minha reação.

— Chegou pelo correio esta manhã. Não tem remetente. Sabes de quem é?

Aceno com a cabeça. Sinto o sorriso aflorar-me aos lábios.

— Há dois anos que não tenho notícias desta pessoa.

As minhas respostas só servem para a confundir mais.

— É uma piada? Ou tens um *stalker* psicopata atrás de ti?

— É uma longa história. É um bocado difícil explicar.

A Anne puxa uma cadeira da secretária ao lado e senta-se.

— Tenho tempo.

Levanto-me e pego nas minhas coisas. Já estou despachada por hoje e não quero que os meus colegas ouçam esta conversa.

— Ia sair agora — digo. A Anne parece desapontada. — Queres ir beber um café? Eu conto-te tudo.

\*

*Querido Luca,*

*Estou muito contente por ser a tua nova pen pal. A minha professora diz que vives na Califórnia. Nunca conheci ninguém que vivesse na Califórnia. Que fixe! Vais à praia todos os dias? Acho que era o que faria se morasse aí. Deves adorar.*

*Eu vivo no Oklahoma. Sempre quis morar num sítio perto da praia para poder lá ir sempre que quisesse. Não há grande coisa para fazer na minha cidade a não ser ir ao centro comercial ou até ao rio, que não é tão bonito como o mar.*

*O que gostas de fazer na Califórnia? Tens animais de estimação? Eu tenho um hámster, mas gostava mesmo era de ter um gato. A minha mãe diz que vou poder ter um gato quando for mais velha, mas diz isso desde que me lembro. Tenho 10 anos agora e acho que já tenho idade suficiente para tomar conta de um gato. Ou de um furão. Se não puder ter um gato, quero ter um furão. E tu? Gostas de furões?*

*Com amor,*

*Naomi Light*

Andava no 5.º ano quando escrevi ao Luca pela primeira vez. A professora mandou-nos escolher *pen pals* aleatoriamente, tirando nomes de um chapéu. Foi assim que acabei a trocar cartas com um miúdo chamado Luca Pichler, que morava na Califórnia. Fiquei contente por fazer um novo amigo que vivia noutra estado. Nunca me tinha correspondido com ninguém e não sabia bem como devia acabar

a carta. A minha mãe sempre me disse para assinar todas as cartas com «Com amor, Naomi», portanto, despedi-me assim. Só depois de escrever é que fiquei a pensar se seria estranho escrever «com amor» a um rapaz que não conhecia. Nunca escrevera a ninguém a não ser a familiares.

Era tarde demais para reescrever a carta, e não queria estar a riscá-la para não parecer desleixada. A professora Goble passou pelas carteiras até chegar à minha, recolhendo as cartas pelo caminho. Pus a carta no envelope e dei-lha.

A professora explicou que as cartas seguiriam pelo correio na manhã seguinte e demorariam uns dias a chegar aos destinatários. Depois, teríamos de esperar mais alguns dias até recebermos notícias dos nossos novos amigos da Califórnia.

Duas semanas depois, recebemos as respostas. Fiquei felicíssima por receber uma carta que não fosse de alguém da minha família. Quando a abri, a primeira coisa em que reparei foi que a letra do Luca Pichler era atroz. Demorei o dobro do tempo que teria demorado a lê-la se ele tivesse tentado escrever de forma legível.

*Querida Naomi,*

*Pareces ser mesmo aborrecida. A minha mãe diz que o Oklahoma fica na região da Bíblia e que, provavelmente, aos 16 anos estarás grávida. Além disso, os furões são uma treta. Se queres um animal de estimação a sério, arranja um cão, porque os gatos são uma seca. Pensando melhor, talvez um gato fosse perfeito para ti.*

*Há tornados no Oklahoma?*

*Com amor,*

*Luca Pichler*

O facto de ter de me esforçar tanto para decifrar a sua letra horrível irritou-me ainda mais. A minha carta fora tão simpática e bem-disposta, e ele respondia-me... assim? O meu queixo começou

a tremer. Não queria que a professora Goble me visse assim. Dobrei a carta e respirei fundo. Pestanejei para afastar as lágrimas. Depois desdobrei a carta e li-a mais uma vez. Ele assinara «com amor», como eu. Perguntei-me se fora algo que a mãe lhe ensinara ou se estaria simplesmente a imitar-me. Talvez o escrevesse com ironia, depois de uma carta tão desagradável. Será que, na Califórnia, os rapazes do 5.º ano eram capazes deste tipo de ironia intencionalmente? Tinha as minhas dúvidas. Devia estar a gozar comigo, como fez no resto da carta.

Arranquei com cuidado uma página em branco do meu caderno, peguei na caneta e respondi.

*Querido Luca,*

*A tua letra é horrível. Não percebi nada do que escreveste na carta. Acho que disseste que tens cinco gatos e que o que mais gostas de fazer ao fim de semana é limpar as suas caixas de areia. É um bocado estranho. Talvez fosse boa ideia deixares de beber tanta água salgada. Se calhar não é assim tão mau viver longe do mar.*

*E sim, aqui há tornados.*

*Com amor,*

*Naomi*

A sua próxima carta foi mais fácil de perceber. Notava-se que levava o seu tempo, tentando tornar a letra mais legível. Senti-o como uma conquista, embora esta carta fosse mais desagradável do que a anterior.

*Querida Naomi,*

*Escrevi esta carta mais devagar para o teu cérebro simplório do Oklahoma conseguir acompanhar. Lamento saber que os teus pais são irmãos. Ouvi dizer que o incesto pode provocar muitos defeitos congénitos, o que explica porque ficaste assim.*

*Ainda bem que há tornados no Oklahoma. Com sorte, um tornado irá destruir a tua casa e impedir que os teus pais continuem a procriar pessoas como tu.*

*Com amor,*

*Luca*

Fiquei furiosa quando recebi a segunda carta. Não compreendia como alguém podia ser tão cruel e desagradável. Dobrei a carta e enfiei-a na gaveta da minha secretária, jurando nunca mais voltar a escrever-lhe. Pensei que talvez estivesse a ter um dia mau quando escreveu a primeira carta, mas agora era óbvio que estava a fazer isto porque era simplesmente um péssimo ser humano.

\*

— Mas voltaste a escrever-lhe, certo? — pergunta a Anne. — Disseste que não sabias dele há dois anos. Quer dizer que continuou a escrever-te durante todo esse tempo sem nenhuma resposta tua?

— Acabei por lhe responder.

— A tua professora chegou a ver as cartas?

Encolho os ombros.

— Não. Dava-nos sempre os envelopes por abrir. Se nenhum de nós se queixasse, ela assumia que os nossos *pen pals* estavam a portar-se bem. O que acabou por ser bom para mim, porque, depois disso, tornei-me bastante cruel.

— Estavas mesmo zangada ou só fizeste isso para veres a reação dele?

Paro um momento, pensando sobre o assunto.

— De início, fiquei zangada. Mas, à medida que o tempo ia passando, comecei a ansiar pelas suas cartas. Queria ver quão desagradável ele conseguiria ser. Ser pior do que ele tornou-se o meu objetivo pessoal.

A Anne olha para a carta que está em cima da mesa, entre nós as duas.

— Parece que agora está nas tuas mãos.

Pego na carta e observo-a, passando os olhos pela caligrafia familiar.

— Não tem o endereço do remetente — relembro. — Como é que é suposto responder?

— Tenta a morada de há dois anos — sugere.

— Já tentei. Há um ano e meio. Foi devolvida. Geralmente, quando um de nós mudava de casa, enviávamos o novo endereço na carta seguinte. Desta vez, ele mudou-se sem enviar uma nova carta.

A Anne comprime os lábios, ponderando.

— Ele está a desafiar-te — diz, passado um momento.

— A desafiar-me?

— Para que o encontres — esclarece. — Se não lhe responderes, ele tem a última palavra, concluindo uma batalha postal que começou há décadas. Estás preparada para o deixar ganhar?

Abano a cabeça.

— Claro que não. Vou encontrá-lo.

## Capítulo 2

---

### IRMÃOS E IRMÃS

Luca

**S**empre achei estúpida a ideia de escrever a um *pen pal*. Não tinha nada a dizer a um miúdo qualquer de outro estado. Possivelmente, era o único da minha turma que não estava entusiasmado com a ideia. Enquanto os meus colegas liam as suas cartas uns aos outros e falavam sobre o que estavam a pensar responder, eu sentava-me ao fundo da sala e desejava estar em casa a jogar videojogos.

Não era um exercício para avaliação. Provavelmente, a professora Martin nem iria ler as nossas cartas.

— Luca — disse ela, chamando-me a atenção. — Queres partilhar a tua carta?

Abanei a cabeça.

— Nem por isso.

Ela esboçou um sorriso compreensivo.

— Podes lê-la só ao Ben.

O meu colega Ben sentava-se na carteira ao lado da minha. Parecia tão entusiasmado como eu. Passei-lhe a carta sobre a mesa. Ele leu-a e depois devolveu-ma.

— Ela fala muito sobre o mar — disse.

— É verdade — concordei.

— O que vais responder?

— Não sei. Isto é estúpido.

— Tu achas tudo estúpido.

— Tudo é estúpido.

— Tens de responder — disse o Ben.

— Porquê?

— Porque se não responderes ela vai ser a única miúda da sua turma a não receber uma carta.

Revirei os olhos e, com um suspiro, procurei uma página em branco no caderno. Olhei para a carta da Naomi uma última vez e pus-me a rabiscar uma resposta. Quando acabei, esbocei um sorriso. Arranquei a folha do caderno e passei-a ao Ben.

— Não podes enviar isto — disse ele. — Vais arranjar problemas.

— A professora Martin nem sequer vai ler — sussurrei.

— Estás a ser tão mau — disse o Ben. — Vais fazê-la chorar.

— E então? Não a conheço.

Peguei na carta, dobrei-a e pu-la dentro do envelope que a professora nos deu. Achei que seria o fim daquela história. A Naomi Light pediria um novo *pen pal* e eu não teria de escrever a mais ninguém.

Mas não foi o fim. Duas semanas depois, a professora Martin distribuiu novas cartas. Surpreendeu-me ver que a Naomi Light me escrevera outra carta. O Ben também pareceu ficar surpreendido. Esperou que eu abrisse a minha antes sequer de abrir a dele.

— O que é que ela disse? — perguntou, antes de eu acabar de ler. A carta enfureceu-me.

— Não percebeu o que escrevi da última vez e está a inventar coisas.

Abri o caderno e comecei a escrever uma resposta. Ia a meio da primeira frase quando decidi riscar tudo. Ela tinha razão. A minha letra era impercetível. A professora Martin estava sempre a pedir-me que escrevesse de forma mais legível e até a minha mãe me dizia para praticar. Procurei outra página em branco e comecei de novo. Desta vez, escrevi devagarinho, com cuidado para manter as letras separadas e legíveis.

Quando acabei, mostrei ao Ben. Ele ergueu as sobrancelhas ao lê-la e depois franziu o sobrolho.

— Que nojo — disse. — As pessoas do Oklahoma fazem mesmo isso? Casam-se com os irmãos?

Encolhi os ombros.

— Provavelmente não.

Peguei na carta outra vez e meti-a no envelope.

— Porque continuas a ser tão mau para ela? Deve ter ficado entusiasmada por ter um *pen pal*.

O Ben inspecionou a sala, olhando para os outros miúdos da nossa turma, e eu segui o seu olhar. Todas as raparigas ostentavam enormes sorrisos no rosto ao ler as cartas que tinham recebido, dando ideias umas às outras sobre o que escrever a seguir. Percebi o que ele estava a fazer. Estava a tentar fazer-me ver a Naomi como uma das nossas colegas: uma pessoa real e não apenas um pedaço de papel que chegou pelo correio.

— Não quero ter de passar o resto do ano a escrever a alguém. Se ela decidir não responder, a culpa não será minha e a professora Martin vai deixar-me em paz.

Selei o envelope, escrevi o nome da Naomi e o endereço da escola, e atirei-o para o cesto que a professora Martin destinara para as nossas cartas. Fui o primeiro a entregar. Ela sorriu-me.

— Foste rápido — disse.

Encolhi os ombros e esbocei aquele que achava ser o meu sorriso mais encantador.

— É fácil escrever à minha amiga. Mal posso esperar que me responda.

Passaram-se mais duas semanas até os nossos *pen pals* responderem. A professora Martin atravessou a sala de aula, distribuindo as cartas. Quando chegou à minha secretária parou, folheando o molho de cartas na sua mão. Tirou uma e deu-a ao Ben. Chegou ao fim do molho e voltou ao início.

— Hum — disse, dando conta de que não havia uma carta para mim. — Lamento, Luca. Parece que não recebeste uma carta desta vez. Pode ter-se separado das outras. Às vezes acontece. Provavelmente, chegará daqui a um ou dois dias.

— Oh. — Tentei parecer desiludido, mas não foi preciso esforçar-me muito. Surpreendeu-me perceber que *fiquei* mesmo ligeiramente desiludido. Enquanto esperávamos pelas cartas, dei por mim a ansiar que a Naomi me respondesse com outra carta sarcástica para eu poder ripostar com algo ainda mais desagradável.

O objetivo de escrever cartas cruéis era fazer com que ela deixasse de responder, mas não me apercebi de que seria tão súbito. Agora, era o único miúdo da turma sem uma carta para ler.

No dia seguinte, passei pela secretária da professora Martin no fim do intervalo.

— Recebi alguma carta hoje? — perguntei.

Ela abanou a cabeça.

— Lamento, Luca. Ainda não. Talvez amanhã?

Porém, no dia seguinte também não chegou nada. Nem no dia depois desse.

Quando o correio trouxe a próxima ronda de cartas, já desistira da ideia de receber notícias da Naomi. Nem sequer olhei para a professora Martin enquanto ela andava pela sala a distribuir as cartas. Estava entretido com um trabalho de casa quando ela pousou um envelope na minha carteira. Olhei para ela, surpreendido. Ela piscou-me o olho e continuou a andar pela sala, distribuindo o resto das cartas.

— Parece que o teu plano não resultou muito bem — disse o Ben. Ignorei-o e abri a carta.

*Querido Luca,*

*Depois do que me disseste na última carta, pensei em não responder. Não gosto de dizer asneiras, mas quero que saibas que és um parvalhão. Sei que*

*provavelmente só disseste aquelas coisas horríveis para não teres de escrever mais, portanto, decidi que o melhor castigo é continuar a escrever-te.*

*Sinto que devo informar-te de que os meus pais não são irmãos. Acho um bocado estranho teres pensado uma coisa dessas. Deves ter fantasias mesmo nojentas. Espero que não tenhas irmãos, mas, se tiveres, é possível que não queiram tocar-te nem com um pau de três metros. Tens uma personalidade horrível e aposto que também és horrível por fora.*

*Já agora, como está o tempo na Califórnia nesta altura do ano?*

*Com amor,*

*Naomi*

*Querida Naomi,*

*Na verdade, não sou nada horrível. Todas as raparigas da minha turma acham que sou giro. A minha professora apanhou duas delas a passarem bilhetinhos e era o que vinha lá escrito. Além disso, não tenho irmãos. É um bocado nojento achares que fantasio com irmãos. Como é que isso te passou pela cabeça? Tens fantasias com irmãos? Que nojo.*

*O tempo está bastante agradável nesta altura do ano. Hoje estão quase vinte e sete graus. Talvez vá à praia depois da escola.*

*Com amor,*

*Luca*

*Querido Luca,*

*As raparigas da tua turma estão enganadas, porque os rapazes do 5.º ano não são giros. Quando as raparigas da tua turma dizem que és giro, devem querer apenas dizer que és magrinho. A minha prima mais velha diz que os rapazes só ficam giros quando chegam ao secundário. Mas, enfim, se isso te ajuda a dormir descansado...*

*Tenho tanta inveja do vosso clima. Aqui está frio e nublado. Quem me dera estar na praia. És muito bronzeado? Adorava poder bronzear-me.*

*Com amor,*

*Naomi*

*Querida Naomi,*

*Para de tentar ser minha amiga falando do tempo e de bronzes. Não vai resultar. E também não devias deitar-te na praia, pois alguém pode confundir-te com uma baleia. Quando deres por ti, tens uma multidão à tua volta a tentar empurrar-te de volta para o mar.*

*Não quero saber o que a tua prima diz sobre os rapazes. Se é mais velha do que nós, é óbvio que não vai achar que os rapazes do 5.º ano são giros. E mais, não sou apenas magrinho. Tenho abdominais.*

*Com amor,*

*Luca*

Quando começaram as férias de Natal, eu era dos poucos alunos da turma que continuavam a receber cartas com regularidade. Até o Ben se fartou das cartas. Quando regressámos à escola em janeiro, havia apenas uma carta à nossa espera. Vinha endereçada a mim. Toda a turma olhou para mim quando a professora Martin anunciou que eu recebera uma carta da minha amiga. Era como se todos se tivessem esquecido de que os nossos *pen pals* ainda existiam.

Enfiei o envelope na mochila para ler mais tarde sem ninguém a olhar para mim. Ao responder, alterei o endereço do remetente para a morada da minha casa em vez da escola. Não queria que ninguém soubesse que era o único que continuava a escrever à minha *pen pal*.

## Capítulo 3

---

### OS NOMES SÃO DIFÍCEIS

Naomi

— **A**cho essa história mal contada — diz a Anne. — Não pode acabar com as coisas desagradáveis que disseram um ao outro no 5.º ano.

— Há mais. Muito mais. Eu avisei que era uma longa história.

— Guardaste algumas cartas?

Encolho os ombros.

— Devo tê-las algures.

Isto é mentira. Sei exatamente onde estão todas as cartas. Estão guardadas numa caixa de sapatos na prateleira de cima do meu roupeiro, ordenadas cronologicamente. Até guardei as cartas por abrir que foram devolvidas quando o Luca mudou de casa.

— Não acredito que nunca me contaste isto antes — diz a Anne. — Não é suposto contares tudo à tua melhor amiga?

— Conheci-te depois de deixar de ter notícias dele — recordo. — Acho que nunca veio a propósito.

A verdade é que nunca contei a ninguém sobre o Luca. Os meus pais sabiam, mas só porque viam as cartas a chegar. A minha colega de quarto na faculdade sabia, porque me viu escrever-lhe algumas vezes, mas nunca falámos muito sobre isso e ela nunca leu nenhuma das cartas.

Ouço a porta do café abrir atrás de mim. O olhar da Anne segue quem está a entrar. Mesmo distraída, não muda de assunto.

— Como é que vais encontrá-lo?

— Não faço ideia. Procurar nos registos públicos? Não sei bem por onde começar.

— Sabes o primeiro e último nome.

— Sim, mas não sei onde vive agora.

— Procura-o no Facebook.

Tiro o telemóvel da mala.

— Claro — digo. — Como é que não me lembrei disso?

Ela arregala os olhos e depois franze o sobrolho.

— Nunca o procuraste? Não tiveste curiosidade de saber como era?

— Claro que o procurei, mas já foi há muito tempo. Tinha uma daquelas fotografias de perfil com mais cinco rapazes, por isso não sabia quem ele era.

O olhar da Anne passa novamente por mim na direção da caixa registadora. Viro-me para ver para onde está a olhar e reconheço um dos meus vizinhos a pedir um café. Não admira que ficasse espedada a olhar para ele. Mesmo de costas para nós, o Jake Dubois é um homem bonito. Tem o cabelo preto e músculos que lhe encham lindamente a camisa. As mangas curtas abraçam-lhe os bíceps quando estende o braço sobre o balcão para pagar o café. Ficamos as duas a apreciar a vista mais um pouco e depois viro-me novamente para ela, prestando atenção ao telemóvel. Abro o Facebook e escrevo «Luca Pichler» na barra de pesquisa. Aparecem vários nomes e fotografias.

— Achas que é um desses? — pergunta a Anne, debruçando-se sobre a mesa para ver o meu ecrã.

Percorro a lista.

— Nenhum destes tipos vive nos Estados Unidos. Sei lá. Claro que é possível ter-se mudado, mas não me parece nenhum destes. Terei de procurar melhor mais tarde.

Uma figura paira sobre a nossa mesa. A Anne olha para o Jake primeiro, disfarçando um gritinho surpreendido.

— Olá — diz ela, corando. Estou certa de que o meu rosto está tão corado como o dela. Pergunto-me se ele terá reparado que estávamos a olhar para ele há bocado.

Ele diz «Olá» à Anne e vira-se para mim. Os seus olhos de um azul-polar sobressaltam-me sempre que olha para mim. São o tipo de olhos de que é impossível desviar o olhar e, no entanto, sinto que, se continuar espedada, ele ficará a saber todos os meus segredos mais íntimos.

— Bem me parecia que eras tu — diz ele. — Já despachaste o boletim meteorológico de hoje?

— Uau. Dois admiradores no mesmo dia — diz a Anne. — Olha só. Desato a rir e levo o café aos lábios, antes de me lembrar de que a chávena está vazia.

— Anne, é o meu vizinho.

— Oh. — Ela dá uma gargalhada nervosa e desvia o olhar.

Ele fica em silêncio por um momento. Reparo que está a olhar para o meu telemóvel, que mostra ainda uma lista de todos os Luca Pichlers do mundo. Apresso-me a desligar o ecrã e ele volta a sua atenção para mim.

— Queria perguntar-te se gostarias de vir jantar comigo um dia destes. Hum, talvez este fim de semana?

A pergunta apanha-me de surpresa. Demoro algum tempo a perceber que está a convidar-me para sair. Já o vi no prédio várias vezes, mas só interagimos em duas ocasiões. A primeira foi quando ele se mudou para lá, há cerca de seis meses, e eu lhe segurei a porta enquanto ele levava uma caixa para dentro. Ele disse «Obrigado» e eu respondi «De nada».

A segunda foi apenas há cerca de uma semana. Eu ia a descer para ir ver o correio e ele vinha a subir. Parou mesmo à minha frente, bloqueando-me a passagem, e disse:

«Ouve lá, não és aquela meteorologista? A Naomi Light?»

«Hum, sim, sou eu», respondi.

Olhei de soslaio para o crachá na bata que ele trazia vestida, mas não consegui ver onde trabalhava.

«Fixe», foi tudo o que disse antes de sair da minha frente e precipitar-se escada acima. Vi-o mais umas vezes, mas a única coisa que fazemos é trocar um cumprimento ou um sorriso educado e, por vezes, ignorar completamente o outro.

Apercebo-me agora de que passou algum tempo e continuo sem responder à sua pergunta.

— Sim, hum, está bem — balbucio, parecendo tão nervosa como ele a fazer a pergunta.

— Excelente — diz. Ele baixa o olhar até à minha chávena vazia. — Posso oferecer-te outro café?

Este já é o meu terceiro café do dia, mas dou por mim a dizer «Sim, hum, está bem» e depois a encolher-me, porque foi exatamente assim que respondi à sua pergunta anterior. Obrigo-me a sair do meu torpor.

— Na verdade, estava quase a sair.

— Então, ofereço-te um para lebares.

Ele dá meia-volta e dirige-se novamente ao balcão. Olho para ele por cima do ombro, com o coração aos saltos. A Anne aclara a voz, mas evito olhar para ela. Percebo pela forma como sinto o corpo a ferver que o meu rosto estará tão vermelho como o meu cabelo. Quando finalmente olho para ela, vejo um enorme sorriso no seu rosto.

— Foi simultaneamente a coisa mais embaraçosa e emocionante que já testemunhei — diz.

— Então precisas de elevar a fasquia das coisas embaraçosas e emocionantes. — Afasto o cabelo da cara, tentando acalmar-me. — Qual é o problema?

— A Naomi Light tem um encontro escaldante este fim de semana — diz ela a cantarolar, dançando na cadeira. — E nem sequer precisaste de uma aplicação para o conhecer. O que vais vestir?

Reviro os olhos, disfarçando um sorriso.

— Ainda não tive tempo para pensar nisso, literalmente.

— Nunca me disseste que tinhas um vizinho bonzão. Só me falaste do barulhento.

Mando-a calar e olho novamente sobre o ombro para ter a certeza de que ele não consegue ouvir-nos. Está a pagar na caixa. Volto a virar-me para a Anne.

— Porque haveria de te descrever todos os meus vizinhos?

— Não precisas de descrever todos, mas... — Ela detém-se, voltando a olhar para o Jake. — Este vale a pena descrever.

O Jake começa a encaminhar-se para a nossa mesa com mais um café para mim. Eu e a Anne levantamo-nos. Ela aproxima-se de mim e sussurra:

— Não te esqueças de me dizer se encontrares a morada do Luca Pichler. Quero saber o que vai acontecer.

— Serás a primeira a saber.

A Anne vai-se embora assim que ele regressa à mesa. Agradeço-lhe e saímos do café.

— Eu acompanho-te a casa — sugere ele.

Rio-me, olhando para o nosso prédio, que fica mesmo do outro lado da rua.

— O que farias se eu dissesse que não?

Ele considera.

— Acho que esperaria dez segundos e depois iria desajeitadamente atrás de ti.

— Está bem. Podes acompanhar-me a casa.

A maneira como ele sorri provoca-me algo. Já o tinha visto sorrir, mas, quando o sorriso se dirige a mim, o meu coração acelera e sinto que talvez precise que me levem ao colo até ao outro lado da rua. Obrigome a desviar o olhar do seu rosto, porque é a única maneira de conseguir sobreviver ao caminho até casa. Pouso o olhar no seu braço e imagino-o a levar-me ao colo, com a cabeça encostada àquele peito musculado...

Pronto, talvez seja melhor nem olhar para ele. Olho para a rua, esperando que o efeito que ele me provoca não seja demasiado óbvio.

Esperamos que os carros passem e atravessamos a estrada. Sem sequer olhar para ele, estou consciente de cada passo que dá, a que distância está de mim a cada momento e de todas as vezes que olha na minha direção. Consigo chegar ao outro lado da rua sem tropeçar nos meus próprios pés. Ele abre-me a porta. Ao passar por ele, sinto o cheiro da sua água-de-colónia, ou talvez seja o gel de banho, misturando-se com o aroma do café que traz na mão. Absorvo-o no instante fugaz em que passo por ele para entrar no prédio. Estou prestes a dirigir-me à escada quando reparo que ele se aproxima do elevador. Hesito. Da última vez que apanhei o elevador, este avariou e eu fiquei presa durante trinta minutos até os bombeiros virem salvar-me. Segundo os outros residentes, ficou arranjado nessa altura e a maioria das pessoas do prédio continua a usá-lo, mas eu ainda não fui capaz de arriscar.

Ele olha para mim com uma sobrancelha arqueada, vendo-me a afastar-me das escadas e regressar ao elevador. Não vou dizer-lhe que tenho medo de apanhar o elevador, portanto, tento parecer tranquila. Ele carrega no botão e as portas abrem-se. Respiro fundo antes de entrar atrás dele.

— O que é que se passa? — pergunta, carregando no botão do seu andar.

— Nada. — Carrego no botão do segundo andar, ignorando o facto de que consigo ouvir o batimento do meu coração nos ouvidos.

— Tens a certeza? Porque parece que estás com medo do elevador.

— Não. Nada disso.

Ele franze a testa.

— Estás branca como um fantasma. Tens claustrofobia?

— Este é o meu tom de pele — digo, forçando uma gargalhada. — Obrigadinha.

— Vá. Podemos ir de escadas, se quiseres. — Ele estende a mão para abrir a porta, mas, quando finalmente carrega no botão, já o

elevador começou a subir. O elevador abana e para a meio caminho entre o átrio e o primeiro andar.

Deixo escapar um som involuntário que é uma mistura entre um sobressalto e um grito. Tapo a boca com a mão livre.

— Ups. — Ele volta a carregar no botão, mas não parece ajudar.

— Era exatamente por isto que não queria apanhar o elevador — resmungo. — Acontece-me sempre.

— Já te aconteceu? — Ele arregala os olhos. — Oh. Por isso é que estavas com medo. — Volta a olhar para o painel do elevador. — E eu acabei de tornar tudo pior, não foi?

Encosto-me à parede e respiro fundo. Expiro devagar, tentando acalmar-me. Tiro o telemóvel do bolso para ver se tenho rede, mas já sei que não. Estive sem rede nos trinta minutos em que fiquei presa aqui dentro.

— Por favor, diz-me que tens rede.

Ele olha para o seu telemóvel.

— Não. Lamento. — Examinando o painel do elevador, carrega num botão. Ouve-se um breve sinal de chamada e, a seguir, reconheço a voz do segurança que costuma estar à entrada. Pelo menos, arranjaram o botão de emergência desde a última vez que fiquei aqui presa.

— Joel — diz ele. — Ficámos presos no elevador.

— É a Naomi que está aí? — A voz do Joel parece rouca através do intercomunicador. — Parece que tem azar com esse elevador.

— Já me constou.

— Vou chamar ajuda — diz o Joel. — Aguentem um pouco.

A chamada desliga-se e ficamos novamente só os dois. O elevador parece ainda mais silencioso agora. Quem me dera que houvesse música para quebrar o silêncio.

Olho para o teto, ponderando se conseguiria chegar ao primeiro andar tirando uma das placas do teto e subindo para cima da caixa do elevador. Da última vez, não tinha esta opção, porque não fiquei aqui

presa com alguém tão alto. Tenho a certeza de que conseguiria subir para os seus ombros e...

— Não vai resultar — avança ele, interrompendo os meus pensamentos.

Franzo o sobrolho.

— O que é que não vai resultar?

Ele gesticula com o copo de café na direção do teto.

— Mesmo que lá chegasses, não serias capaz de abrir a porta.

Fico boquiaberta.

— Eu disse isso em voz alta?

Ele ri-se.

— Não. Mas quase dava para ver o teu plano a formar-se só de olhar para a tua cara.

— Acho que consigo abrir a porta. Tenho força.

— Talvez consigas, mas, ainda assim, não é seguro. O que fazes se o elevador começar a andar contigo lá em cima?

Suspiro.

— Não tinha pensado nisso.

— Vamos ter paciência e esperar que venham ajudar-nos.

Aceno com a cabeça. Sei que ele tem razão, mas continuo a sentir-me ansiosa. Não sei porquê. Não preciso de ir a lado nenhum.

— Ao menos temos café — diz.

— E um ao outro — acrescento. — Da última vez estava sozinha. Pensei que fosse enlouquecer.

— Achas que aguentas? Não vais começar a hiperventilar e aos berros, pois não?

Atravesso a pequena caixa onde nos encontramos.

— Desde que nos tirem daqui rapidamente, eu aguento.

— Estou certo de que será algo simples. A única coisa que fiz foi carregar num botão.

Consigo sentir o pânico começar a invadir-me. Respiro fundo mais uma vez para me acalmar.

— O que fizeste da última vez que ficaste aqui presa?

Pondero um instante.

— Passei os primeiros dez minutos a tentar apanhar rede no telemóvel. Depois bati com os punhos contra a porta, gritando por ajuda até me doer a garganta. Passado um bocado, desisti da ideia de alguma vez sair daqui e estava a tentar decidir qual dos meus membros precisaria de comer para sobreviver quando os bombeiros finalmente arrombaram a porta.

A sua testa está franzida de preocupação, embora um sorriso pareça querer surgir ao canto da boca, como se não tivesse a certeza de poder rir-se da minha desgraça.

— Foram tempos difíceis — acrescento. — Quase não sobrevivia.

— Parece ter sido horrível — diz, ainda a disfarçar o sorriso. — Acho que ficarás contente por saber que não me parece necessário recorrermos ao canibalismo.

— Acho ótimo que penses assim, mas ainda não me sinto preparada para descartar essa hipótese.

Ele desata a rir.

— Está bem. Lembra-me de nunca ir acampar contigo.

A ideia de acampar com ele faz-me ficar com calor. Afasto a camisa da barriga, tentando refrescar-me.

— O campismo não é um problema. Não há elevadores na natureza.

Ele baixa o olhar para a minha barriga. Apercebo-me de que a maneira como estou a agarrar na camisa faz parecer que estou prestes a despi-la. Solto-a, aclarando a voz enquanto ajeito a roupa. Ele vira a cabeça. Tem as orelhas coradas.

— Não acredito que consegui evitar o elevador durante todo este tempo para ficar outra vez aqui presa.

— É mesmo verdade que não voltaste a andar de elevador desde essa vez?

Abano a cabeça.

— Vou sempre de escadas.

Ele olha para o botão do segundo andar, que continua iluminado.

— Dois lanços de escadas duas vezes por dia? Não te fartas?

Encolho os ombros, gesticulando à nossa volta.

— Acho que me fartaria disto muito mais depressa.

— Tens razão — diz. — Ouvi dizer que sou bastante insuportável.

Dou-lhe uma palmada no braço.

— Não foi isso que quis dizer.

Ele afasta o braço, fingindo que o magoei.

— Au!

Rio-me.

— Não te magoei.

— Magoaste, sim. És mais forte do que pareces. — Aponta para a porta do elevador. — Aposto que conseguirias arrombá-la.

Reviro os olhos. Passo-lhe o meu copo de café, aproximo-me da porta e tento abri-la. Já sei que não vai resultar. Tentei fazer isto da última vez.

— Não — digo, voltando a pegar no café. — Parece que preciso de ir mais vezes ao ginásio.

— Ná. Não precisas de ginásio. Basta subires as escadas todos os dias a fazer o pino. Ficas forte num instante.

Quase me sai o café pelo nariz.

— Seria uma bela visão. — Vejo as horas no telemóvel. — Argh. Há quanto tempo estamos aqui?

Dou mais um gole no café, mas arrependo-me, porque tenho vontade de fazer chichi e continuar a pôr líquido no corpo não ajuda nada. Baixo-me e sento-me no chão, com as pernas cruzadas à minha frente. Ele senta-se ao meu lado. Respiro fundo. A sua proximidade faz-me esquecer o quanto odeio elevadores, nem que seja por um momento.

Reparo que ele parece calmo, como se não estivesse ansioso para sair daqui, como eu.

— Então — diz. Viro-me para olhar para ele, esperando que continue. Um dos cantos da sua boca ergue-se. Desvio o olhar da sua boca para o olhar nos olhos, que estão fixos nos meus. Sustenho a respiração. — Ouvi-te a falar com a tua amiga sobre mim.

Sinto o rosto corar ao lembrar-me de tudo o que a Anne disse. Tenho medo de saber o que ele ouviu, mas tenho de perguntar.

— O que ouviste, exatamente?

Ele sorri.

— Ouvi que tens um vizinho barulhento.

Quem me dera poder esconder-me. Se ouviu isto, de certeza que ouviu o resto.

— Posso ver o teu telemóvel? — pergunta.

Passo-lhe o meu telemóvel.

— Para quê?

— Para te dar o meu número.

Ele começa a inserir o contacto. Espreito por cima do seu ombro. No nome põe «Vizinho Bonzão».

Reviro os olhos.

— És um bocado convencido, não és?

Ele encolhe os ombros e devolve-me o telemóvel.

— Estou só a aceitar o título que me foi dado.

Envio-lhe uma mensagem e, para minha surpresa, a mensagem segue, apesar da falta de rede no elevador.

— Pronto. Assim ficas também com o meu número.

Observo o seu rosto quando recebe a mensagem. Não tenta disfarçar o sorriso.

— Que nome vais dar-me? «Rapariga Esquisita do Elevador»?

Ele ri-se.

— Nada disso.

Olho para o seu ecrã enquanto escreve «Meteorologista Gira», guardando o meu número nos seus contactos. Sinto um sorriso aflorar-me aos lábios e o rosto a corar.

— Gira, hã? — provoco. — Quantas meteorologistas conheces?

— Muitas. Ficarias surpreendida. Tive de arranjar um sistema de numeração para todas as meteorologistas banais da minha lista de contactos.

Encosto-me à parede.

— Fico um bocado desapontada por não ser uma delas. Meteorologista Banal Número Sete soa bem.

Ele abana a cabeça e agita o telemóvel.

— Não. Este nome fica-te melhor.

O elevador sacode-se, assustando-me, e começa a subir.

— Oh, graças a Deus.

Levantamo-nos ao mesmo tempo que as portas se abrem no segundo andar. Saio para o patamar. Ele pousa a mão na porta para evitar que feche.

— Devíamos fazer isto mais vezes — diz.

Volto a olhar para o elevador e estremeço.

— Nem pensar.

Ele faz beicinho.

— Podes levar-me a jantar desde que não haja elevadores.

Ele sorri.

— Combinado.

\*

No meu apartamento, continuo a busca pelo Luca Pichler no Facebook. Tento reduzir a pesquisa a todas as cidades onde sei que viveu, começando por San Diego, origem da sua primeira e última cartas antes de desaparecer. Sem resultados. Tento a próxima cidade e outra ainda, mas sem sorte. Parece que todos os Luca Pichlers que apareceram na minha pesquisa inicial vivem fora dos Estados Unidos. Começo a espreitar os seus perfis, sabendo que é possível ele ter saído do país, mas nenhum destes homens parece promissor.

O meu vizinho de cima está a andar de um lado para o outro a fazer barulho. Ouço algo a arrastar ou a rolar, antes de um enorme estrondo do outro lado da sala. Baixo a cabeça como se o som viesse de minha casa e reviro os olhos, tanto a mim mesma como ao meu vizinho barulhento. Quem quer que seja que vive no andar de cima tem um salão de *bowling* no apartamento. Ponho música a tocar para abafar o ruído.

Apesar do vizinho barulhento e do maldito elevador, este não é um mau sítio para viver. É um dos prédios mais bonitos da zona de Miami onde moro. Não temos porteiro, mas temos o Joel, o segurança. Às vezes, quando está aborrecido, o que parece ser frequente, gosta de abrir a porta aos residentes do prédio. Trabalha aqui há tempo suficiente para saber os nossos nomes. Será uma das poucas coisas de que sentirei falta quando comprar a minha casa e sair deste prédio.

Preparo o almoço e, enquanto estou a comer, o meu telemóvel vibra. Pego nele e olho para o ecrã, esperando ver uma mensagem do Jake, mas não é ele. É a Anne, que me envia um *link* para uma base de dados chamada PeopleFinder, onde posso procurar o Luca Pichler.

*Anne: Tens de pagar para acederes à morada e isso.*

Clico no *link* e escrevo o nome do Luca na barra de pesquisa. Os resultados mostram outros homens com o mesmo nome. A versão gratuita do site mostra apenas a idade e a cidade onde vivem. Não estou particularmente entusiasmada com os resultados que me apareceram até agora. Um dos homens está na casa dos 50, outro na casa dos 20 e o último da lista está perto dos 80. Ou o meu Luca Pichler não está nesta lista, ou alguém se enganou na sua idade. Em todo o caso, decido pagar para entrar no site. Posso sempre cancelar depois de encontrar o que procuro.

O pagamento é processado e a página recarrega, desta vez com a informação completa. Aparentemente, o Luca Pichler geriátrico vive

num lar de idosos em Seattle. O Luca Pichler na casa dos 50 vive com a mulher, os sogros e seis filhos em Rhode Island. O Luca Pichler mais novo vive num lar para adultos com deficiência. Suspiro. Nada disto parece promissor. Fiquei com menos vinte paus e, provavelmente, a minha identidade terá sido vendida por uma boa quantia.

*Naomi: Nada. Se não tivesse recebido aquela carta hoje, podia assumir que o Luca morreu.*

*Anne: Que estranho. Será que os pais dele ainda vivem na casa onde ele cresceu? Ainda tens essa morada?*

É uma boa ideia e algo em que pensei antes de ela me enviar o *link* do PeopleFinder. Vou até ao quarto e tiro a caixa de sapatos do armário. As cartas mais recentes estão no topo e as primeiras no fundo. Escrevi a morada dele no verso de todas as cartas para saber sempre para onde enviar a próxima carta, mesmo que deitasse fora o envelope.

Tiro uma fotografia da morada de San Diego com o telemóvel. Estou prestes a guardar as cartas quando tenho uma ideia. Folheio as cartas, parando em todas as que têm uma morada diferente e tirando uma foto. Os primeiros oito anos de cartas são todos da mesma morada de San Diego. Depois disso, as cartas começaram a vir de todo o país. Ele mudava de casa com frequência, mas assegurava-se sempre de que eu tinha a sua nova morada. Até há dois anos.

Sei que é improvável que se tenha mudado para qualquer uma destas antigas moradas, mas é um bom ponto de partida. Alguém, algures, há de saber onde ele está.

\*

Já tinha bebido dois cafés quando a Anne chega à estação com o terceiro. Estou a analisar dados de satélite e radar para preparar

o boletim meteorológico do dia quando ela pousa o café fumegante ao meu lado.

— Obrigada.

Sem tirar os olhos do ecrã, pego no copo quente e dou um gole. Ouço-a puxar uma cadeira para ao pé de mim e sentar-se.

— Não tens trabalho a sério para fazer? Ou o Patrick pediu-te que ficasses a ver-me beber café?

— Estava só curiosa para saber se encontraste o teu penimigo.

— O meu quê?

— O teu penimigo — repete. — Percebes? É como um *pen pal*, mas é teu inimigo. *Pen* inimigo. Penimigo.

— Esperta. — Continuo sem olhar para ela. Estou concentrada no meu ecrã. Tenho apenas cerca de dez minutos até ir para o ar. — Já te disse que não consegui encontrá-lo no PeopleFinder. A não ser que vá até San Diego, não sei bem como procurá-lo.

— Já estás na pausa, Anette?

Viramo-nos as duas e vemos o Patrick a entrar na sala com uma pilha de papéis nas mãos. Costuma andar a passear a mesma pilha de papéis pela estação quando quer parecer ocupado sem estar a fazer nada de produtivo. Também nunca chamou a Anne pelo seu verdadeiro nome, mas acho que «Anette» é suficientemente parecido para se perceber com quem está a falar.

— Estava só a trazer café à Naomi — diz.

— Não sabia que trazer café implicava que te sentasses.

Volto a olhar para computador, revirando os olhos. Ela murmura um rápido pedido de desculpas e sai apressada. Como é costume, os seus sapatos não fazem barulho no chão alcatifado. O Patrick fica a vê-la ir-se embora e depois vira-se para mim.

— Tenho andado para te dizer que estás a fazer um excelente trabalho, Naomi.

O Patrick é uma daquelas pessoas que pronuncia o meu nome como «Nai-oh-mi», embora o tenha corrigido inúmeras vezes. Já nem

me dou ao trabalho, mas pergunto-me se terá noção de que é a única pessoa na estação que o pronuncia assim.

— Obrigada, Patrick. Agradeço muito.

— Tens um talento natural para estar na televisão — continua. — Os teus mapas meteorológicos são impressionantes. E as tuas previsões nunca falham. Excelente trabalho, mesmo. O Emmanuel ficaria orgulhoso.

— Oh. Obrigada. Mas sabia que fui eu que fiz os mapas para o Emmanuel nos últimos dois anos? Na verdade, no ano e meio antes de se reformar não olhou para um único radar.

— Estás aqui há dois anos? — pergunta o Patrick. — Hum. Não parece ter passado tanto tempo.

— Pois. Dois anos passaram num ápice.

Todo o seu rosto fica corado. Ele amarrota as folhas que tem nas mãos. Sorrio para tentar aliviar algum do seu desconforto. Ele sai da sala e, pouco depois, a Anne regressa. Tento enxotá-la.

— Vais arranjar problemas — aviso.

Ela revira os olhos.

— O que é que ele vai fazer? Despedir-me?

— Provavelmente.

Ela ri-se.

— Conta-me de San Diego.

Demoro um pouco a lembrar-me do que estávamos a falar antes de o Patrick interromper.

— É de onde vieram a primeira e a última carta do Luca. Se calhar ele ainda mora lá.

— Ele viu o teu boletim meteorológico.

— E então? Pode tê-lo visto em qualquer lugar. Nem sempre é preciso morar perto para apanhar canais locais.

— O que vais fazer?

— Vou esperar que envie outra carta. Talvez na próxima inclua o endereço do remetente.

— E se não houver uma próxima?

Tirando aquele intervalo de dois anos, nunca passei mais de um mês sem notícias dele. A única diferença agora é que não posso responder-lhe. Pergunto-me se será intencional não ter incluído a morada. Tem de ser. Talvez esteja a brincar comigo. Ou talvez não queira que a mulher saiba que voltou a escrever-me. Aposto que é ela a razão por que não tive notícias suas durante dois anos. Se leu a última carta que enviei, não a censuro; a última antes de os correios começarem a devolver as minhas cartas. Teria sentido o mesmo se tivesse lido uma carta como a que enviei. Só depois de enviar a carta e não obter resposta é que me ocorreu que outra pessoa além do Luca pudesse lê-la. Nenhum correio devolvido seria capaz de corrigir as coisas. Passei os últimos dois anos a sentir que uma parte de mim estava em falta. Agora estava de volta, mas teria voltado mesmo? Ele não enviaria uma carta destas passados dois anos, sem o endereço do remetente, se não tencionasse continuar.

— Ele vai voltar a escrever — digo. Tenho a certeza.

## Capítulo 4

---

### O DILEMA DO ESPIGÃO

Luca

Muita coisa mudou nos três anos entre o 5.º ano e o final do 8.º. No verão antes do 6.º ano beijei uma rapariga pela primeira vez. Desde então tive sete namoradas. Quando andava no 7.º ano, os meus pais trouxeram um cachorrinho para casa. Chamei-lhe *Rocky* e tornou-se o meu melhor amigo. Passara de um miúdo magrinho da escola primária para o que imaginava ser o que a prima mais velha da Naomi descrevia como um tipo giro do secundário. No 5.º ano, contemplei demoradamente o espelho e decidi que a Naomi talvez tivesse razão. Era magrinho e não fizera nada para conseguir os abdominais de que tanto me orgulhava. Nesse verão, o meu pai trouxe para casa algum equipamento de ginásio, instalou-o na garagem e começámos a treinar juntos.

Muita coisa também permaneceu na mesma. Eu e o Ben íamos de bicicleta para a escola todos os dias e tínhamos praticamente as mesmas aulas. Eu vivia ainda na mesma casa, na mesma cidade. Por vezes, quando saía e sentia o ar salgado do mar, pensava na Naomi e sorria, sabendo que ela tinha inveja do sítio onde eu morava. Continuava a escrever-lhe. Havia tanta coisa que podia ter-lhe contado nos três anos em que trocámos correspondência e, no entanto, nada do que escrevíamos tinha grande substância.

Pelo contrário, tornara-se uma competição para ver quem superava o outro. Nem sempre éramos desagradáveis. Por vezes, dava para perceber que ela começava a ficar aborrecida de me escrever, e a sua carta era a coisa mais desinteressante que alguma vez lera. Quando o fazia, respondia-lhe sempre com uma carta igualmente ou, esperava eu, ainda mais aborrecida.

*Querido Luca,*  
*Acordei de manhã. Lavei os dentes. Fui à escola. Fiz os trabalhos de casa.*  
*Fui para a cama. Comi refeições entre estas atividades.*  
*Beijinhos e abraços,*  
*Naomi*

*Querida Naomi,*  
*Esqueci-me de levantar o assento da sanita quando fiz chichi e salpiquei-o*  
*um bocadinho. Não limpei.*  
*Beijinhos e abraços,*  
*Luca*

Os meus pais eram as únicas duas pessoas que sabiam que eu continuava a escrever à Naomi. A minha mãe achava querido, mas isso era porque nunca leu nenhuma das cartas. O meu pai nunca deu a sua opinião. O Ben perguntara pela Naomi apenas uma vez depois de começarmos a enviar as cartas para nossa casa em vez da escola. Encolhi os ombros e fingi que não fazia ideia do que ele estava a falar.

Certa manhã, enfiei a carta mais recente da Naomi na mochila a caminho da escola. Era a última semana do 8.º ano. A minha mãe esquecerase de ver o correio no dia anterior e, curioso para saber se recebera uma carta, abri a caixa de correio quando estava a sair. O Ben estava a chegar na sua bicicleta e viu-me a enfiar o envelope por abrir na minha mochila.

- O que é isso? — perguntou.
- Nada.

Fechei a mochila, pu-la às costas e subi para a bicicleta. Nessa manhã, fomos para a escola em silêncio. Era como se o Ben soubesse sempre quando não me apetecia falar. Nessa manhã sentia-me cansado. Estivera acordado toda a noite, tentando abafar o som dos meus pais a discutir com música aos berros nos auscultadores. Conseguira abafar as vozes, mas ainda sentia a vibração das paredes por causa das portas a bater enquanto andavam pela casa, discutindo em todas as divisões menos no meu quarto.

Quando estávamos a um quarteirão da escola, comecei a pedalar mais depressa para ultrapassar o Ben. Porém, a sua bicicleta era melhor do que a minha e ele apanhou-me rapidamente. Prendemos as bicicletas no suporte em frente à porta da escola e entrámos.

— São as tuas notas? — perguntou o Ben.

— O quê?

— A carta que puseste na mochila.

Franzi o sobrolho.

— As notas ainda não saíram.

— Então o que é? Porque é que estás a ser tão esquivo?

— Não estou a ser esquivo. Mete-te na tua vida.

— É aquela miúda, não é?

Virei-me para olhar para ele.

— Não. Qual miúda?

Ele revirou os olhos.

— A tua *pen pal* da aula da professora Martin. Continuas a escrever-lhe, não continuas?

— Como é que te lembras dessas coisas? E não, não continuo a escrever-lhe.

Conseguia sentir a minha cara a corar. Nunca pensei que fosse tão fácil decifrar-me.

— Mentira — disse ele. — Perguntei-te no ano passado e fingiste que não sabias do que eu estava a falar. — Depois, numa imitação exagerada, disse: — Hum... hum... quem?

— Eu não falo assim.

— És um péssimo mentiroso, Luca. Sei que continuas a escrever-lhe. É tua namorada ou quê?

O meu rosto ficou ainda mais corado.

— Não. Não é minha namorada. Mas ela não para de me escrever. E ainda por cima é má.

— A sério? Porque continuas a escrever-lhe?

A verdade é que não queria que a Naomi tivesse a última palavra, mas não queria que o Ben soubesse que eu era assim tão mesquinho. Encolhi os ombros.

— Assim tenho algo que fazer.

Parámos de andar quando chegámos à sala de aula. O Ben pôs-se à frente da porta.

— O que diz a carta?

— Não sei. Ainda não a abri.

Ele arqueou as sobrancelhas, encorajando-me. Suspirei, tirei a mochila dos ombros e saquei da carta. Rasguei o envelope e li-a em voz alta.

*Querido Luca,*

*Espero que amanhã acordes com um pequeno espição e que, quando lhe mexeres, fique maior e mais doloroso. Espero que te incomode tanto que continues a mexer-lhe, mas não consigas livrar-te dele e acabes por arrancar um grande bocado de pele do dedo. Depois, espero que infete e a única solução seja amputares a mão toda.*

*Ficaria muito contente.*

*Com amor,*

*Naomi*

O Ben ficou a olhar para mim de olhos arregalados. Alguns alunos juntaram-se à nossa volta, à espera para entrar na sala de aula.

— Estás a tapar a porta — lembrei. Ele entrou e eu segui-o até às nossas carteiras ao fundo da sala.



**Naomi e Luca  
são pen pals  
desde o 5.º ano,  
mas nunca trocaram  
uma carta simpática.**

Durante anos, Naomi e Luca trocaram cartas insultuosas. Tudo começou no 5.º ano, como uma brincadeira, mas o hábito manteve-se e as estranhas mensagens levaram a uma amizade que se foi desenvolvendo com o passar do tempo. Até que, certo dia, as cartas pararam de chegar sem razão aparente.

Passados dois anos sem notícias de Luca, Naomi recebe inesperadamente um novo envelope no seu local de trabalho. A última carta que trocara com Luca tinha mudado tudo, e agora Naomi não sabia do seu paradeiro nem tinha como lhe responder. Mas uma coisa era certa: ela não iria deixar que Luca tivesse a última palavra.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832514



9 789895 832514 >